

DE OLHOS FECHADOS: AMOR E MITO

Suzana Mcauchar¹

RESUMO

Este ensaio procura tecer considerações acerca do romance **De olhos fechados**, escrito por Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, autora contemporânea de Minas Gerais, publicado em 1987, pela editora gaúcha Mercado Aberto. Serão considerados o contexto social e histórico que lhes serviu de arcabouço, ao buscar as relações existentes entre o comportamento apaixonado de Flora mãe/mulher e a estrutura socioeconômica opressiva a que todos somos sujeitos desde que a sociedade se organizou como grupo, impondo aos seus indivíduos constante estado de alienação para garantir o *establishment*. Estas questões estão inscritas e problematizadas no universo da contemporaneidade, objeto de estudo de autores como Sigmund Freud, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Giorgio Agamben, dentre outros, que comporão o arcabouço teórico, em cujos argumentos apoiaremos esse estudo. Para tanto, serão utilizados como base de apoio os conhecimentos da perspectiva psicanalítica, em diálogo com a análise comportamental dos principais personagens da trama, ante as relações sociais que desenvolvem, além de outros enfoques complementares que se façam necessários no decorrer da apreciação.

Palavras-chave: Sociedade. Amor. Mito.

A renomada professora e doutora Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, escritora mineira de Maria da Fé, formou-se em Letras Clássicas pela UFJF e cursou Mestrado e Doutorado na UFRJ. Notabilizou-se em Literatura Brasileira, concentrando-se em teoria literária e cinema nas interfaces literatura e mídia, mito e intertextualidade.

Autora de obra vasta e diversificada, traz no currículo numerosos romances, contos e novelas, além de trabalhos acadêmicos de qualidade expressiva.

Dentre as várias premiações que venceu, destacam-se o Prêmio Bloch Nacional de Romance, o Prêmio Cidade de Belo Horizonte e o Prêmio Petrobrás Nacional de Literatura. Também publicou livros voltados para crianças e adolescentes, obtendo inúmeros prêmios por seus contos em todo o país.

Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, radicada em Juiz de Fora, desenvolveu brilhante carreira como professora e artista. Seus contos são famosos, com uma centena de premiações em concursos literários a nível nacional, nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Trouxe vasto aporte ao acervo literário de nosso país, evidenciando-se por seus contos, crônicas, romances e obras infanto-juvenis.

¹ Mestranda do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

Os escritores, por meio de suas obras, atuam como testemunhas e legitimadores, preservando a cultura de um povo. Os autores juiz-foranos, ao produzirem seus textos, direta ou indiretamente, narram a história do município, utilizando seus personagens, possibilitando ao leitor reconhecer seus costumes, hábitos e linguagens.

Na obra em estudo, o mito de Édipo se reafirma com suas características fatalistas sobre o ser humano, levado a cumprir seu destino predeterminado, do qual lhe é impossível se evadir. Este ser, da mesma forma que se encontra sob o poder do mito, é também dominado pela força das leis que engendram os sistemas sociais, tendo reduzido cada vez mais o espaço para o exercício da sua individualidade e consequente criatividade.

As duras questões sociais que mancham a modernidade não podem passar em branco, ao contrário, são capazes de penetrar nas intimidades pessoais e cercear-lhes as potencialidades. Essa relação de causa e efeito pode ser tão intensa a ponto de fragmentar o indivíduo, cooperando fortemente para sua marginalidade e consequente exclusão social. Tais problemáticas estão circunscritas no cenário do mundo contemporâneo, em cujas cotidianidades a autora se inspirou para desenvolver o enredo e dilatar suas reflexões. No *modus operandi* dessa sociedade excludente se articulam os interditos que atravessam a realidade marginal, nos quais a autora se inspira, a fim de simultaneamente romancear e propor ponderações.

Segundo os ditames da psicologia social, área de estudo que permanece em um campo limítrofe entre a psicologia e sociologia, a marginalidade consiste no comportamento voltado às características típicas da fraude, trazendo em seu bojo o furto, assassinato, sequestro e estupro, executados em ações individuais ou por meio de combinações secretas grupais. O ser marginalizado sobrevive independentemente das regras estipuladas pelo aparato social, isentando-se à legislação e observação de normatização dos procedimentos comuns instituídos pela coletividade, considerado marginal, em um sentido abjeto e indesejável. Certamente não nos cabe aqui questionar a colocação e a produtividade do vocábulo **marginal**, que pode encerrar riquezas como na obra foucaultiana, ao enveredar por pesquisas que aludem a temas não clássicos e característicos de Platão e Aristóteles, e que, portanto, poderiam ser considerados à margem de.

No decorrer de suas reflexões, Giorgio Agamben, em sua obra **A comunidade que vem**, assinala algumas considerações sobre a irreversibilidade das conjunturas, acontecimentos, personalidades e condutas, ressaltando, porém, que tal constatação,

de caráter filosófico, deve ser considerada de maneira relacionada aos demais contextos em que o indivíduo se encontra inserido:

o irreparável é o fato de as pessoas serem como são, deste ou daquele modo, entregues sem remédio à sua maneira de ser. Irreparáveis são os estados de coisas, sejam elas como forem: tristes ou alegres, cruéis ou felizes. Como és, como é o mundo – é isto o irreparável (AGAMBEN, 1993, p. 71).

Por que razão trazemos a fala de Agamben sobre a questão do irreparável? Para contextualizar o comportamento social do personagem Pedro Fogueira, responsável pelo assassinato do jovem que tencionava assaltar, cujo intento não pode cumprir em função do medo e nervosismo. A figura de Pedro representa o jovem afrodescendente institucionalizado em casa de menores, desrespeitado em seus direitos básicos de cidadão, portador de necessidades emocionais e prejuízos afetivos, sujeito à força da rede discursiva. O impacto causado pelo discurso sobre o a pessoa ou grupo pode assumir formas positivas ou negativas, de maior ou menor intensidade, agindo como instrumento a favor de interesses políticos, ideológicos ou doutrinários. A enunciação do discurso possui a faculdade de instigar, dominar, manipular, discriminar, marginalizar e outras, conferindo poder àquele que apropriadamente o emite, trazendo em si a articulação de toda uma intencionalidade, conforme nos aponta Foucault:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 9).

Maria de Lourdes compôs o romance em análise a partir de um fato real ocorrido no centro da cidade de Juiz de Fora, caldeando à realidade fria e desconcertante da miséria social, todas as nuances do lirismo e suave erotismo mesclado ao pano de fundo mitológico que ancora o desenvolvimento da trama.

Narrado na terceira pessoa, o *corpus* nomeado para estudo traz nos rodapés as reflexões, explicações e discussões propostas pela escritora. Estas constituem um patrimônio adicional oferecido pelo romance **De olhos fechados**, onde efetiva-se a exposição e questionamento da realidade, ancorada nos recursos da linguística moderna e prevalecendo-se do uso da ficção por meio da concepção e construção de figuras dramáticas que irão personificar os intentos que possui o autor ao desenvolver sua temática narrativa, como leciona Antonio Candido.

À medida em que se acentua o valor estético da obra ficcional, o mundo imaginário se enriquece e aprofunda, prendendo o aio de intenção dentro da obra e tornando-se por sua vez, transparente a planos mais profundos, imanentes à própria obra (CANDIDO, 2017, p. 42).

Porquanto se constitua o personagem em um ente que participa ativamente da obra, enquanto composição artística, cabe ao autor conferir-lhe não somente o aspecto físico, em toda a sua extensão, mas atentar igualmente para seus aspectos emocionais e sociais, a fim de valorizar o texto:

190

Podemos dizer portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste (CANDIDO, 2017, p.55).

Para tanto, o autor se valerá da criação de personagens, que se constituem de seres por ele inventados e postos a agir em uma trama também inventada, tornando-se assim participantes de uma ficção narrativa, de modo que, enquanto figuras dramáticas, analisando que sua função consiste em que as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção (BRAIT, 2014, p.11).

Na sequência da trama, desenvolvem-se contrapontos entre malandros e marmanjos, nos quais Maria de Lourdes marca elementos semióticos opostos como uma das formas de delimitar estas diferenças sociais, além de demonstrar as divergências comportamentais entre as classes:

Em direção contrária vem Pedro Fogueira, andar sambado de malandro, veste calças de brim desbotadas e puídas, camisa de algodão quadriculado, e os dedos se espalham em sandálias havaianas, marmanjos de blusões de couro e gatas de bunda espremida em jeans Inega penduradas no pescoço dos motoqueiros, encostados em coloridas CB 400, as rodas prateadas, os assentos de couro confortáveis, capazes de fazer uns duzentos quilômetros por hora (OLIVEIRA,1986, p.11).

Justamente no contexto das distinções socioeconômicas denunciadas pela autora, ocorre o crime contra o jovem de classe média, durante uma tentativa frustrada de assalto à mão armada. Ao se dar o homicídio, Flora põe-se a procurar o assassino do filho, numa busca insana pelas ruas e galerias da cidade, fitando todos os rostos, avaliando quem seria o culpado. Quando percebe que seu método seria inútil, abate-se em natural desespero.

Flora é orientada pela vizinha a procurar o assassino de seu filho em reduto de

menores, a FEBEM, e, não conseguindo definir com clareza, se pelas plantas, se pelas ideias que a vizinha lhe incutiu na cabeça acaba decidindo-se pelo sim (OLIVEIRA,1986, p.19).

O assentimento de Flora às provocações da vizinha irá reacender-lhe a volição de viver. Conforme nos ensina Freud, o conceito de pulsão de vida funciona *como um dos alicerces para a construção da teoria psicanalítica, proporcionando novo entendimento sobre o funcionamento do inconsciente, ampliando os estudos e concepções sobre o psiquismo humano. Esta seria representada pelas ligações amorosas que estabelecemos com o mundo, com as outras pessoas e nós mesmos. O princípio do prazer e as pulsões eróticas também constituem elementos componentes da pulsão de vida, que produzirá no indivíduo, impulsionado pelo princípio do prazer, desejos de ir ao encontro de objetos que venham a minimizar as forças da consternação* (LAPLANCHE,1991).

Doando seu trabalho na instituição de menores, oportuniza-se o encontro de Flora e o interno Pedro Fogueira, apaixonando-se ambos, sem conhecimento das particularidades de vida e identidade mútuas. Neste momento o texto se aproxima do mito edipiano:

Na mitologia grega, Édipo é filho de Laio e Jocasta. Para evitar que se realize o oráculo de Apolo, que lhe previra que ele seria morto pelo filho, Laio entrega seu menino recém-nascido a um criado, para que ele o abandone no monte Citéron, depois de lhe transpassar os pés com um prego. Em vez de obedecer, o criado confia o menino a um pastor de ovelhas, que em seguida o entrega a Pólibo, rei de Corinto, e à mulher deste, Merope, que não têm descendentes. Eles lhe dão o nome de Édipo (oidipos: pés inchados) e o criam como seu filho. Édipo cresce e ouve rumores que dizem que ele não seria filho de seus pais. Por isso, dirige-se a Delfos para consultar o oráculo, que de pronto lhe responde que ele matará o pai e desposará a mãe. Para escapar a essa previsão, Édipo viaja. Na estrada para Tebas, cruza por acaso com Laio, a quem não conhece. Os dois homens brigam e Édipo o mata., Nessa época, Tebas vinha sendo aterrorizada pela Esfinge, monstro feminino alado e dotado de garras, que mata todos aqueles que não decifram o enigma que ela propõe sobre a essência do homem: “Quem é aquele que anda sobre quatro pés, depois, sobre dois e, depois, sobre três?” Édipo dá a resposta certa e a Esfinge se mata. Como recompensa, Creonte, o regente de Tebas, dá-lhe por esposa sua irmã, Jocasta, com quem ele tem dois filhos, Eteoclés e Polinices, e duas filhas, Antígona e Ismene. Os anos passam. Um dia, a peste e a fome se abatem sobre Tebas. O oráculo declara que os flagelos desaparecerão quando o assassino de Laio tiver sido expulso da cidade. Édipo pede então a todos que se manifestem. Tirésias, o adivinho cego, conhece a verdade, mas se recusa a falar. Por fim, Édipo é informado de seu destino por um mensageiro de Corinto, que lhe anuncia a morte de Pólibo e lhe conta como ele próprio, no passado, havia recolhido um menino das mãos do pastor para entregá-lo ao rei. Ao saber da verdade, Jocasta se enforca. Édipo vaza os próprios olhos e em seguida se exila em Colono com Antígona, enquanto Creonte retoma o poder. Em Édipo rei, Sófocles adapta apenas uma parte do mito (a que se relaciona com as origens de Tebas) e a faz verter-se no molde da tragédia (LAPLANCHE,1991, p.30)

No prosseguimento da narração, seguem-se a descrição do desejo e do encontro sexual de ambos, e finalmente o momento em que Pedro reconhece o jovem que assassinou por meio da fotografia exposta no quarto de Flora, mãe do rapaz morto. Ao introjetar a percepção do crime que cometera, e tomado de angústia, o protagonista procura compensações, como forma de fuga. Para tanto necessita de dinheiro, e com o desígnio de obter roupas de marca, as mesmas que a vítima possuía; rouba novamente o relógio do falecido, fingindo vendê-lo a um freguês de ocasião. A partir deste momento, se por um lado a obra assume um fluxo de tom lírico, por outro, por outro relata os planos urdidos por Pedro para eliminar Flora, a tentativa conflitiva de fazê-lo, e a maneira como ela se condói de sua agonia e deseja acolhê-lo em seu seio. Neste momento, atinge-se o clímax do romance, sem que se esclareça definitivamente seu desfecho, permanecendo a interrogativa dos fatos que se sucederão e que foram colocados em forma de suspense.

Valoriza-se aqui a paixão, considerada por Konder um sentimento avassalador, fonte de alento e inspiração para poetas e toda sorte de artistas, capaz de estimular grandes conquistas, mas também capaz de confundir profundamente uma pessoa, a ponto de varrer seu potencial e sucessos particulares, além de seus vínculos familiares (KONDER, 2007, p. 33). Ao explicitar o nutrimento das considerações especiais, revelando a intensificação das empatias e anseios entre os personagens principais, a autora coloca as primeiras emanções do amor que irá desenvolver entre ambos:

Só tem uma imagem que eu não consigo ver, a de minha mãe. As vezes eu acordo de noite e tento, tento. Não adianta. Ela não tem rosto...Mas com Pedro é diferente. Gostaria de lhe estender o meu desconsolo para consolá-lo...Pedro suspira e ela consegue detectar nesse suspiro um século de procuras e esperas (OLIVEIRA,1986, p.32).

O sentimento de vazio ou o século de procuras e esperas que habita no interior de Pedro Fogueira retrata o isolamento emocional daqueles indivíduos que não conseguem se ligar saudavelmente aos seus pares, consolidando alternativas e novidades de vida a partir dessas relações. O sentimento de solidão e não pertencimento advém da inabilidade ou incapacidade que a pessoa possua, no sentido de incluir-se nessa dinâmica interativa com os semelhantes. Inúmeras possibilidades podem explicitar as causas dessas amputações emocionais, como por exemplo, a ausência de figuras amigas e fortes na meninice. Essas emoções negativas podem se

transformar em crenças de caráter subjetivo e limitante, atingindo grande número de pessoas que não se encontraram em posição adequada de sustentação emocional durante os primeiros anos de formação. Tais indivíduos dificilmente se auto percebem enquanto parte de um todo, ou de uma comunidade que possua símbolos, valores, e todo um sistema cultural.

Pedro Fogueira, produto não ingênuo dos quintais da FEBEM, revela em seu comportamento o imperativo de pertencer, o que ocorreria normalmente se tivesse havido em seu passado a presença de um grupo acolhedor. Quando as experiências familiares infantis foram prejudiciais, havendo rejeição, desrespeito, violência, abuso ou assédio, o indivíduo introjetará a sensação do não aceito, do não pertencimento. Essas emoções e sensações constituirão o anteparo que conterão seu sucesso e tomadas de decisão adequadas, assim como irão influenciar para a formação de um autoconceito negativo e perfil autopunitivo. A esse respeito afirma Pinsky:

Resta evidente o fato de que apesar das grandes transformações pelas quais a família tem passado nas últimas décadas, não é o caso de se falar de sua "crise" ou sua "destruição". Viver em família, ao que parece, continua a ser a aspiração da maioria das pessoas, embora a ideia de que fazem de família e os arranjos familiares possíveis e socialmente aceitos sejam mais flexíveis do que no passado e admitam um número enorme de configurações, um verdadeiro caleidoscópio familiar (PINSKY, 2016, p.38).

Atualmente, a sociedade permanece em estado de alerta diante dos altos coeficientes de criminalidade encontrados em todos os segmentos sociais. Não raro o espectro da violência se inscreve como forma de reação aos interditos dos quais os indivíduos ou grupos empobrecidos que a praticam se constituem suas principais vítimas. Nesse contexto, os jovens costumam ser seus maiores representantes, postando-se na linha de frente do conflito e da contestação, seja por meio de atitudes isoladas ou coletivas, manifestações de toda sorte ou por meio da criminalidade, que culmina como expressão da miséria. Esse estado alienante se registra nos episódios e passagens recorrentes, característicos da desigualdade, e separa a coletividade em nichos, a partir de seu poder econômico, refletindo-se nas oportunidades sociais, profissionais e nos demais aspectos da vida. Tais diferenças atingem mais duramente aqueles indivíduos expostos às fragilidades sociais, e podem ser percebidas por meio de sinais aparentes, como a vestimenta, os gestos, comportamento, cuidado pessoal e postura, além de sua rede social, não raro sendo a pessoa desprovida do atendimento de suas primeiras necessidades. Em ambientes despojados de oportunidades, os indivíduos podem se tornar endurecidos, como exemplifica Bourdieu:

Por conseguinte, o que chamamos de “coragem” muitas vezes tem suas raízes em uma forma de covardia: basta lembrar todas as situações em que, para lograr atos como matar, torturar ou violentar, a vontade de dominação, de exploração ou de opressão baseou-se no medo “viril” de ser excluído do mundo dos homens sem fraquezas, dos que são chamados de “duros” porque são duros para com o próprio sofrimento e sobretudo com o sofrimento dos outros – assassinos, torturadores e chefes de todas as ditaduras e de todas as instituições totais, como as prisões, casernas e internatos (BOURDIEU, 2017 p. 78).

Diante de toda a gama de adversidades que se impõe à raça humana, parece evidente estar resguardado a cada um o direito inalienável de reagir. Essa reação até certo ponto e dentro de certos limites poderá alcançar espectros bem amplos, nos que diz respeito às possibilidades de escolhas individuais, que irão projetar reações positivas de esforço e superação ou ao contrário, apontarão para a autocomiseração e suicídio moral, com suas consequências. As escolhas ou opções se darão no interior do indivíduo, por meio da ponderação de inúmeros elementos a fim de tomar atitudes, que irão variar de seriedade. Cada vez que uma pessoa se decide por algo, terá que inevitavelmente responder pelas consequências de sua escolha, sejam positivas ou não, inferindo-se que todos somos livres para agir, mas estamos impelidos a suportar e

administrar as decorrências de nossas ações.

Haverá, contudo, situações que virão sobre nós de modo independente de nossa vontade, assim como perda de entes queridos, desastres naturais, questões de saúde e perdas financeiras, sem que possamos evitar. Observa-se que os indivíduos reagem de modo personalizado diante dessas adversidades, resignando-se ou indignando-se. Por que razões, frente à diversidade, uma pessoa se entrega ao sofrimento ou se revolta, a ponto de tornar-se prejudicial a si e aos demais, ao passo que uma outra escolhe superar e procurar soluções inteligentes? Em suas palavras, Stuart Hall nos adverte, por seu próprio exemplo, quanto à propriedade de escolher adequadamente diante dos desafios, a fim de promover um futuro de melhores perspectivas:

Mas isso cristalizou meus sentimentos a respeito do espaço para o qual minha família me convocara. Eu não ia ficar lá. Eu não seria destruído por aquilo. Tinha que sair de lá. Senti que nunca mais deveria voltar para lá, pois seria destruído. Quando olho as fotos de minha infância ou início de juventude vejo o retrato de uma pessoa deprimida. Eu não quero ser quem eles querem que eu seja, mas não sei ser outra pessoa. Sinto-me deprimido por isso. Tudo isso explica porque finalmente migrei (HALL, 2003, p. 413).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Maria de Lourdes Abreu de Oliveira emprega repetidamente a utilização de metáforas, com a finalidade de suavizar, comunicando de forma poética os temas dolorosos e por vezes chocantes ou grotescos que são abordados no *corpus* nomeado, proporcionando simultaneamente graça e leveza ao texto. Denota ao longo da obra esforço constante para conciliar a realidade dos acontecimentos com o mundo dos símbolos e do imaginário, a exemplo da força expressiva do mito edipiano que perpassa todo o enredo, a figura do bruxo, o presépio e tantos outros. Esses símbolos possuem grande força mítica e arquetípica, e possibilitam diversas interpretações, que ficam a cargo do leitor, valorizando a obra.

O epílogo realizado por Maria de Lourdes surpreende por proporcionar elementos característicos dos romances policiais no enredo, tais como a estratégia de apresentá-lo eletrizante e corajoso, no sentido de revelar a realidade dos sentimentos e necessidades humanos em sua forma mais crua. Porém, ainda que alguns trechos da obra assumam características tão agudas como se ao Naturalismo pertencessem, ao descrever personagens e suas atitudes, a escritora mescla imagens ácidas com

marcantes e suaves figuras poéticas.

O texto traz com ênfase a força das emoções sobre o comportamento dos personagens, preponderando sobre a razão, de modo a levá-los ao cometimento de ações impulsivas, como furtos e assassinato.

A criadora de **De olhos fechados** propositalmente não esclarece de que maneiras se dará a natureza do relacionamento entre ambos: Flora reagirá ao intenso sentimento que a impele em direção a Pedro Fogueira, como supõe a lógica dos fatos e como espera o pudor social? Entregá-lo-á à polícia? Ou cederá a seus desejos intensos e conflituosos?

Essa imprecisão caracteriza a obra aberta, tão contemporânea, deixando ao leitor o ponto de interrogação que ele mesmo deverá responder. Pode ser que ao reler o texto uma outra vez, tempos depois, venha o leitor ou crítico a apresentar outras impressões e sensações. Pode ser que se perceba empático ou não a um ou outro personagem, porém, terá se emocionado uma vez mais.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio, **A comunidade que vem**. Lisboa, Presença, 1993.
- BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. A condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro, Record, 2017.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo, Contexto, 2014.
- CANDIDO, Antonio, et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo, Loyola, 2012.
- HAAL, Stuart. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. SOVIK, Lia. UFMG, Belo Horizonte. 2003.
- KONDER, L. **Sobre o amor**. São Paulo, Boitempo, 2007.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu. **De Olhos Fechados**. Mercado Aberto, 1987.
- PINSKY, et al. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2016.
- SAMUEL, Rogel. **Novo manual da teoria literária**. 6.ed. Vozes, Petrópolis. 2011.

DE OLHOS FECHADOS: AMOR E MITO

ABSTRACT

This essay, presented to the subject Critical Theories, given by Professor Maria Aparecida Nogueira Schmidt, tries to think about the novel **De olhos fechados**, written by Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, a contemporary author of Minas Gerais, published in 1987 by the publishing house of the state of Rio Grande do Sul Mercado Aberto. It will be considered the social and historical context that served as a framework for them, searching for the relations between the passionate behavior of Flora mother/woman and the oppressive socioeconomic structure to which we are all subjects since society has been organized as a group, imposing on its individuals constant state of alienation to ensure the establishment. These issues are inscribed and problematized in the contemporary universe, object of study by authors such as Sigmund Freud, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Giorgio Agamben, among others, who will compose the theoretical framework, in whose arguments we will support this study. In order to do so, the knowledge of the psychoanalytic perspective will be used as a base of support, in dialogue with the behavioral analysis of the main characters of the plot, before the social relations that are developed, as well as other complementary approaches that are necessary in the course of the appreciation.

Keywords: Society. Love. Myth.